

## QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA AUTOCONFRONTAÇÃO: PROFISSIONAIS E PESQUISADOR EM POSIÇÃO EXOTÓPICA

### *Theoretical-methodological framework of self-confrontation: professionals and researchers in exotopic position*

MAGALHÃES, Elisandra Maria<sup>1</sup>

MORAES, Rozania Maria Alves de<sup>2</sup>

GONÇALVES, João Batista Costa<sup>3</sup>

#### RESUMO

Este trabalho propõe expor, através de exemplos de situações concretas de trabalho e pesquisa, como o conceito de exotopia se encontra manifesto nas várias fases que compõem o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação. A discussão parte, portanto, de exemplos retirados de dois trabalhos realizados nos âmbitos da Ergonomia da Atividade e da Clínica da Atividade: Elisandra Magalhães e Yves Clot. Primeiramente, mostramos a situação concreta da atividade de cada sujeito de pesquisa para, em seguida, expressar nossa compreensão sobre a evidência da exotopia durante as fases do processo. Cabe ressaltar que incluímos, ainda, um estudo sobre a atividade de análise do pesquisador. Em nossas análises, observamos que o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação, por meio das imagens gravadas, proporciona aos sujeitos pesquisados e aos pesquisadores a possibilidade de se distanciarem de sua(s) atividade(s); e, por conseguinte, conferirem a si mesmo(s) uma completude.

**Palavras-chave:** Exotopia. Quadro teórico-metodológico da autoconfrontação. Atividade do profissional. Atividade do pesquisador.

#### ABSTRACT

This paper proposes to show, through examples of concrete situations of work and research, how the concept of exotopia is manifested in the various phases that make up the theoretical-methodological framework of self-confrontation. The discussion is based, therefore, on examples taken from two studies carried out in the field of Ergonomics and Clinic of Activity: Elisandra Magalhães and Yves Clot. In the first place, we show the concrete situation of the activity of each research subject and then express our understanding of the exotopy evidence during the phases of the process. It should be noted that we also included a study on the research activity of the researcher. In our analyzes, we observed that the theoretical-methodological framework of self-confrontation, through the recorded images, allows researched individuals and researchers the possibility of distancing themselves from their activity (s); And therefore confer on themselves a completeness.

**Keywords:** Exotopia. Theoretical-methodological framework of self-confrontation. Professional activity. Researcher activity.

<sup>1</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Carreira de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: <elisandrafortaleza@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade Grenoble III, estágio de pós-doutoramento em Ciências da Educação – Ergonomia da Atividade de Profissionais da Educação pela Aix-Marseille Université, Mestre em Letras pela UECE. Professora Adjunta do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da UECE, Coordenadora do Grupo de Estudos Linguagem, Formação e Trabalho (LIFT). E-mail: <r\_de\_moraes@hotmail.com>.

<sup>3</sup> Doutor e Mestre em Linguística, com estágio de pós-doutorado na mesma área, além de graduado em Letras, todos pela UFC. Professor Adjunto da UECE. E-mail: <joao.goncalves@uece.br>.

## INTRODUÇÃO

O quadro teórico-metodológico da autoconfrontação, utilizado em pesquisas que se fundamentam nas Ciências do Trabalho – em especial a Ergonomia da Atividade e a Clínica da Atividade – permite aos trabalhadores (re)formularem seus próprios questionamentos sobre sua atividade e (re)mobilizarem seus saberes para a compreensão e a transformação de suas situações concretas de trabalho.

Vale enfatizar que o pesquisador que adota esse quadro teórico-metodológico tem um papel significativo durante e após as verbalizações dos trabalhadores sobre sua atividade. Durante, porque ele vai ser o mediador das relações dialógicas estabelecidas no decorrer das fases da autoconfrontação,<sup>4</sup> e após, porque ele vai responsavelmente assumir sua posição de pesquisador, ou seja, realizar sua compreensão do que vivenciou com o(s) sujeito(s) de pesquisa, fazer a interpretação dos diálogos de autoconfrontação e, por fim, dar uma resposta totalizante para as situações experienciadas dentro daquele determinado contexto de sua pesquisa. Segundo Faïta (FAÏTA; MAGGI, 2007, p. 61, grifos do autor),

O pesquisador é ao mesmo tempo responsável, organizador deste diálogo, mas ele é também um de seus personagens. Ele é então simultaneamente criador e ator, no sentido da **encenação**. [...] Ele se torna dentro dessas condições **catalisador** da situação criada, sem que seu papel se limite a isso.<sup>5</sup>

Nesse sentido, percebemos que o pesquisador é, ao mesmo tempo, ator e criador da atividade epistêmica que desenvolve. Ator porque ele não apenas organiza os diálogos entre os sujeitos, mas porque também intervém discursivamente durante todas as fases da autoconfrontação, produzindo, portanto, um texto; criador porque, ao finalizar a pesquisa, ele tem a responsabilidade de “fazer intervir sua posição exterior: sua problemática, suas teorias, seus valores, seu contexto sócio-histórico, para revelar do sujeito algo que ele mesmo não pode ver.” (AMORIM, 2010, p. 100).

Essa posição exterior em relação ao outro, vendo algo desse outro que ele próprio não consegue ver, é entendida como uma categoria filosófica sobre a qual Mikhail Bakhtin (2011, 2012) desenvolve suas “discussões sobre *Ética e Estética* e, principalmente, suas considerações sobre as relações dialógicas entre o *Autor* e o *Herói*, possibilitando o desenvolvimento da ideia de *excedente de visão*.” (GEGe, 2013, p. 46, grifos dos autores).

O nosso objetivo neste trabalho é, pois, explicar por que essa categoria filosófica bakhtiniana pode ser considerada um dos alicerces do quadro teórico-metodológico da autoconfrontação.

Buscamos, então, por meio de exemplos retirados de dois trabalhos realizados nos âmbitos da Ergonomia da Atividade e da Clínica da Atividade (MAGALHÃES,

<sup>4</sup> Conferir o quadro sinóptico sobre as fases da autoconfrontação na segunda seção deste artigo.

<sup>5</sup> No original: “Le chercheur est à la fois responsable, organisateur, de cette mise en dialogue, mais il en est aussi l’un des personnages. Il est donc simultanément concepteur et acteur, dans le sens de la ‘mise en scène’. [...] Il devient ce faisant ‘catalyseur’ de la situation créée, sans que son rôle se limite à cela.” As traduções do francês para o português são de responsabilidade exclusiva dos autores deste artigo.

2014; CLOT, 2008) mostrar como o gesto exotópico se encontra manifesto nas várias fases que compõem o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação. Mas, para tanto, precisamos explicar a exotopia com maiores detalhes. O que será efetivado na primeira seção deste trabalho.

## 1. EXOTOPIA: COMO ESSE CONCEITO É ENTENDIDO POR BAKHTIN

A palavra exotopia, proveniente da língua francesa *exotopie*, foi cunhada pelo filósofo e linguista franco-búlgaro Tzvetan Todorov, no início dos anos 1980, ao traduzir e sistematizar o pensamento bakhtiniano para a Europa.

Partindo da etimologia da palavra em questão, “ex” é um prefixo latino que indica “fora de” e “tópos”, um elemento grego de composição, que significa “lugar”, ou seja, o termo exotopia expressa com muita precisão a ideia de um “*lugar exterior*” (AMORIM, 2010, p. 96, grifos da autora).

Apesar de ser um vocábulo estranho à língua russa, língua na qual Mikhail Bakhtin escreve seus estudos, o termo proposto por Todorov é bastante esclarecedor, pois sintetiza o sentido que o pensador russo produz em seu ensaio *O autor e o herói*, publicado no final dos anos 1970, na obra *Estética da criação verbal*, sobre a relação entre o criador e os seres criados.

Bakhtin, ao tratar dessa relação, discorre sobre um *excedente da visão estética* (BAKHTIN, 2011). Mais precisamente, para Bakhtin, o criador (o autor) se situa em um lugar exterior em relação aos seres criados (suas personagens) e, exatamente por isso, consegue captar suas expressividades externas e dotá-las de sentido (TODOROV, 2011). Seria, portanto, um olhar externo ativo, ou seja, não seria apenas um olhar externo de contemplação, mas seria também um olhar externo concludente, uma *contemplação-ação* (BAKHTIN, 2011). Dizendo com outras palavras, o autor, por sua posição privilegiada, e a partir de sua visão de mundo, de seus conhecimentos, de seus valores e de sua subjetividade, cria para suas personagens um ambiente concludente e dá-lhes um acabamento, isto é, uma completude. Nas palavras do próprio Bakhtin (2011, p. 12),

[...] o agente vivo dessa unidade do acabamento é o autor, que se opõe à personagem como portadora da unidade aberta do acontecimento vital, que não pode ser concluída de dentro da personagem. Esses elementos ativamente concludentes tornam passiva a personagem, assim como a parte é passiva em relação ao todo que a abrange e lhe dá acabamento.

Percebemos, então, a necessidade do agente vivo que, de sua posição extralocalizada vê e sabe a respeito da personagem algo que ela própria não pode ver nem pode saber sobre si mesma, haja vista que “não vivencia a plenitude da sua expressividade externa.” (BAKHTIN, 2011, p. 24). É, então, a consciência desse agente vivo que dirá a última palavra, ou seja, revelará a palavra concludente para a objetivação da personagem.

Nesse sentido, e estendendo-se às Ciências Humanas, a posição exotópica do autor (quando se trata da atividade estética em geral) ou a posição exotópica do pesquisador (quando se trata da atividade de pesquisa envolvendo sujeitos) é considerada por Bakhtin (2011) como basilar para permitir esse acabamento do outro: seja a personagem da obra de arte, seja o sujeito da pesquisa. Para Amorim (2004, p. 291),

A exotopia deixará de ser um princípio que regula apenas a atividade estética para se tornar também aquele que regula a atividade crítica. [...] A atividade crítica refere-se aqui a todo trabalho de texto sobre texto e como Bakhtin define as Ciências Humanas exatamente por esta atividade, podemos dizer que a exotopia é seu princípio de base.

Esse conceito de *excedente de visão*, nomeado de *exotopia* por Todorov em seus estudos sobre Bakhtin, tem sido utilizado por diversos pesquisadores da área das Ciências Humanas. Entre vários outros estudos, citamos alguns que se serviram desse conceito bakhtiniano para o trabalho de compreensão do (texto do) outro e que contribuíram no âmbito da psicologia, da educação, da literatura, da filosofia e da linguística aplicada: Amorim (2004, 2010), Magalhães Júnior (2010), Ponzio (2013), Magalhães (2014), Gonçalves (2015).

Assim, como podemos constatar, essa relação de “tensão entre dois olhares” (AMORIM, 2010, p. 96), ou seja, entre autor/personagem ou pesquisador/sujeito pesquisado é imprescindível para a totalização do ser, uma vez que “[...] o acabamento só pode vir do exterior.” (TODOROV, 2011, p. XXVI).

O olhar extrapositionado do outro, que traz consigo uma vivência de mundo, uma história, certos valores e certas teorias, viabiliza a completude necessária do ser de que está diante, revelando algo que ele não é capaz de ver em si próprio. Essa limitação, inerente a todo e a qualquer ser humano, faz com que necessitemos constante e incondicionalmente uns dos outros. Somos, portanto, o complemento necessário do outro, enquanto o outro, por sua vez, é nosso complemento necessário.

Isso posto, apresentamos, na seção que segue, o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação e sua ligação com o conceito de exotopia.

## **2. QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA AUTOCONFRONTAÇÃO: UM PROCESSO EXOTÓPICO PARA A TRANSFORMAÇÃO DA ATIVIDADE PROFISSIONAL**

Tendo sido solicitado para proceder a um estudo em uma usina metalúrgica francesa sobre as funções desempenhadas pelos seus trabalhadores, Daniel Faïta, linguista e ergonomista da atividade, propôs, juntamente com outros pesquisadores, um processo dialógico de intervenção e análise que os ajudaria (trabalhadores e pesquisadores) a compreender melhor as situações reais de trabalho. Esse processo, realizado em meados dos anos 1980, dá início ao que hoje conhecemos

como quadro teórico-metodológico da autoconfrontação. Em um artigo escrito no final da década de 1980, Faïta (1989, p. 116) relata como se deu o início do desenvolvimento desse processo:

Pareceu-nos, então, justificável proceder à filmagem de um vídeo sobre cada uma das funções de trabalho determinantes para, em seguida, submeter os documentos produzidos aos trabalhadores interessados, pedindo-lhes para comentar sua própria atividade. Pensávamos assim ultrapassar as dificuldades comuns da entrevista, em particular, a relativa incredibilidade das verbalizações [...]. Para nós linguistas, era também a ocasião de experimentar um procedimento etnometodológico dentro de uma situação na qual nós controlaríamos quase todas as variáveis.<sup>6</sup>

Como podemos perceber na citação acima e também ao longo do artigo de Faïta (1989), a autoconfrontação estava ainda sendo delineada e, portanto, não apresentava todas as fases que hoje compõem o referido processo dialógico.

É importante salientar que já nos anos 1970 Ivar Oddone, médico e psicólogo do trabalho, empreendeu esforços no sentido de “ampliar o poder de ação dos coletivos de trabalhadores no meio de trabalho real e sobre eles mesmos” (CLOT, 2010, p. 84). Para isso, Oddone realizou seminários de formação operária na Universidade de Turim, lançando mão da técnica de Instrução ao Sósia,<sup>7</sup> um procedimento dialógico que permite ao profissional redescobrir e refletir sua própria atividade a partir das verbalizações realizadas. Conforme Clot (2010, p. 92-93), “[...] trata-se de conseguir desligar-se de sua experiência a fim de que esta se torne um meio de fazer outras experiências. É um procedimento suscetível de tornar a experiência já feita, disponível para experiências a fazer.”

Seguindo esse percurso e nessa mesma perspectiva dialógica de Oddone, Faïta (1989) se serve de imagens filmadas da atividade de profissionais e desenvolve as fases que constituem a autoconfrontação. A respeito dessas fases, apresentamos abaixo um quadro sucinto e explicativo baseado em Faïta e Vieira (2003) e em Faïta (2007).

A partir do quadro que se segue, cabe ressaltar a importância da imagem da atividade inicial do trabalhador para a efetivação das observações e das trocas dialógicas que acontecem no decorrer do processo da autoconfrontação. Essa imagem, mostrada *a posteriori* ao(s) trabalhador(es) e ao seu coletivo profissional, possibilita-lhe(s) tornar(em)-se analista(s) de seu próprio trabalho, buscando, destarte, melhor compreendê-lo para transformá-lo.

---

<sup>6</sup>No original: “Il nous parut alors justifié de procéder au tournage d’un film vidéo sur chacun des postes de travail déterminants, pour ensuite soumettre les documents réalisés aux travailleurs intéressés en leur demandant de commenter pour nous leur propre activité. Nous pensions ainsi dépasser les difficultés ordinaires de l’enquête, en particulier, l’infiabilité relative des verbalisations [...]. Pour nous linguiste, c’était aussi l’occasion d’expérimenter une procédure ethnométhodologique dans une situation dont nous maîtrisions presque toutes les variables.”

<sup>7</sup>A técnica de Instrução ao Sósia consiste em um trabalho de coanálise durante o qual o profissional (aquele que dá instruções) recebe do sósia (o analista, interveniente ou pesquisador) o seguinte comando: “Supõe que sou o teu sósia e que amanhã me encontrarei em situação de te substituir em teu trabalho. Quais instruções deverias me transmitir para que ninguém perceba essa substituição?”

## QUADRO SINÓPTICO SOBRE AS FASES QUE COMPÕEM A AUTOCONFRONTAÇÃO

FASES	NATUREZA	CARACTERÍSTICAS
1. Constituição do grupo de análise	Observação do meio profissional e das situações de trabalho.	Escolha dos trabalhadores para as fases subsequentes e definição das atividades a serem filmadas.
2. Filmagens	Gravação em vídeo da atividade inicial de cada trabalhador.	Os trabalhadores devem exercer funções próximas. As atividades filmadas devem ser as mais similares possíveis.
3. Autoconfrontação simples	Cada trabalhador é solicitado a fazer comentários sobre seu próprio trabalho a partir de sua atividade inicial filmada.	Interação: trabalhador/imagens de sua atividade/pesquisador.  Produção de um discurso explicativo, reflexivo e contextualizado sobre sua própria atividade profissional.
4. Autoconfrontação cruzada	Cada trabalhador é confrontado à avaliação do outro trabalhador a respeito de sua atividade e de seus comentários sobre sua atividade.	Interação: dois trabalhadores/imagens da atividade inicial e da autoconfrontação simples de cada trabalhador/pesquisador. Produção de um discurso explicativo, reflexivo e contextualizado sobre a atividade profissional de seu par ou sobre a sua própria.
5. Retorno ao coletivo profissional	Sequências de filmagem são escolhidas pelos trabalhadores que participaram das fases anteriores e pelo pesquisador, e servem de suporte às trocas verbais que acontecem entre estes e o coletivo profissional dos trabalhadores.	Avaliação e validação do que foi produzido pelos trabalhadores durante a autoconfrontação simples e a autoconfrontação cruzada pelo coletivo profissional.

**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir de Faïta e Vieira (2003) e Faïta (2007).

Esse processo dialógico trata-se, portanto, de uma “atividade sobre a atividade” (FAÏTA; VIEIRA, 2003, p. 33), dizendo com outras palavras, a imagem da atividade inicial do trabalhador enceta outra atividade; nesse caso, uma atividade linguageira de (co)construção de sentido sobre a atividade inicial.

Amorim (2004, p. 289), ao tratar do conceito de exotopia, considera-o dialógico “[...] porque afirma a necessidade do olhar do outro sobre mim para compor

de mim um olhar inteiro, para ver de mim o que não posso ver.” Desse modo, entendemos que, ao proporcionar ao profissional esse deslocamento em relação à sua atividade de trabalho, a autoconfrontação simples faz com que este profissional se torne um outro de si mesmo. Mais precisamente, fora de seu espaço de trabalho e em um tempo que não é mais o tempo de sua atividade laborativa, o profissional, através de sua atividade linguageira, sintetiza e totaliza o que vê de si mesmo e de seu próprio trabalho. Uma *atividade sobre a atividade*.

Da mesma forma, podemos dizer que a fase da autoconfrontação cruzada e a do retorno ao coletivo profissional também engendram essa visão do(s) outro(s) sobre o(s) trabalhador(es) e sobre sua(s) atividade(s), ou seja, é o olhar do outro profissional que confere ao trabalhador e à sua atividade o acabamento que lhe é necessário. Acabamento, este, que lhe é completamente inacessível e que só pode vir, por conseguinte, de um olhar exterior.

Assim, o espaço que se abre à produção de um discurso explicativo, reflexivo e contextualizado é entendido nas pesquisas com a autoconfrontação como “um espaço-tempo diferente” (CLOT; FAÏTA 2000, p. 25) onde o(s) trabalhador(es) (re) visita(m) sua(s) atividade(s) e (re)constroem(m) “suas ações [e/ou as ações de seu par profissional] dentro de outras perspectivas”<sup>8</sup> (FÉLIX; SAUJAT, 2007, p. 6).

Cabe, aqui, fazer uma breve referência<sup>9</sup> ao conceito bakhtiniano de cronotopo,<sup>10</sup> haja vista tratar-se de um conceito que, assim como o conceito de exotopia, fala da relação espaço-tempo (AMORIM, 2010). Ainda para Amorim (2010, p. 105), esse conceito “designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem.” Tratando-se, pois, das fases do quadro teórico-metodológico da autoconfrontação, podemos dizer que nas três últimas fases – autoconfrontação simples, autoconfrontação cruzada e retorno ao coletivo – as atividades filmadas, apresentadas ao(s) trabalhador(es), fazem parte de um espaço e de um tempo diversos do espaço e do tempo da realização da(s) atividade(s) laborativa(s) do(s) sujeito(s). Daí, entendemos que, dentro desse espaço-tempo diferente e coletivo, as várias experiências dos sujeitos envolvidos se entrelaçam, se (re)explicam, se (re) constroem, etc, formando, por conseguinte, novas histórias, novas experiências.

Podemos, portanto, acrescentar que essa (re)construção das ações do(s) sujeito(s) em um tempo e em um espaço diversificados se dá, sobretudo, dentro de uma perspectiva dialógica e exotópica, conforme poderemos constatar na seção que segue.

### **3. AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES E AUTOCONFRONTAÇÃO CRUZADA: OS PROFISSIONAIS E SUA POSIÇÃO EXOTÓPICA EM RELAÇÃO À ATIVIDADE DE TRABALHO**

Como mencionado na seção anterior, o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação que é utilizado nas pesquisas realizadas pela Ergonomia da

<sup>8</sup> No original: “[...] ses actions dans d’autres perspectives.”

<sup>9</sup> Ressaltamos que este artigo não tem como escopo discorrer detalhadamente sobre o conceito bakhtiniano de cronotopo. No entanto, achamos oportuno fazer um breve comentário a respeito do conceito, dada à sua pertinência dentro do contexto das discussões aqui apresentadas.

<sup>10</sup> Conceito formado pelas palavras gregas *crónos* (= tempo) e *tópos* (= espaço).

Atividade e pela Clínica da Atividade – áreas que privilegiam a abordagem de análise do trabalho centrada em uma perspectiva dialógica – propicia aos trabalhadores uma visão externa das situações concretas de trabalho.

Nessa perspectiva, ao posicionar o trabalhador do lado de fora de sua própria atividade, o processo da autoconfrontação favorece inúmeras relações dialógicas: profissional/sua atividade; profissional/pesquisador; profissional/outro profissional; profissional/outro profissional/pesquisador; profissional/seu coletivo de trabalho; profissional/*métier*, etc.

Em se tratando da autoconfrontação simples, esse olhar externo do trabalhador em relação à sua atividade provoca efeitos nele próprio. De acordo com Clot (2008, p. 226), “Em posição exotópica no que se refere ao seu trabalho e diante de escolhas ou de dilemas que ele redescobre em sua atividade, o que era operação incorporada e resposta automática se torna novamente questão.”<sup>11</sup>

É, portanto, a partir de sua posição extralocalizada que o trabalhador estabelece um diálogo com sua atividade e consigo mesmo. Ao dialogar com seu modo de agir, a partir da imagem de sua atividade inicial, ele se exime de um ponto de vista centrado num único ponto e passa, dessa forma, “a melhor captar o movimento dos fenômenos em sua pluralidade e diversidade.” (MACHADO, 2005, p. 131). Para esta constatação, encontramos apoio no pensamento bakhtiniano:

Na categoria do *eu*, minha imagem externa não pode ser vivenciada como um valor que me engloba e me acaba, ela só pode ser assim vivenciada na categoria do *outro*, e eu preciso me colocar a mim mesmo sob essa categoria para me ver como elemento de um mundo exterior [...] (BAKHTIN, 2011, p. 33, grifos do autor).

Assim, entendemos que a autoconfrontação simples confere ao trabalhador o privilégio de se tornar um outro em relação a si próprio, para que ele consiga analisar e dar um acabamento às suas ações laborativas.

Em relação à autoconfrontação cruzada, a teia dialógica é muito mais vasta. Nessa fase, imbricam-se vários enunciados:<sup>12</sup> a imagem da atividade inicial de cada trabalhador, os comentários que cada trabalhador fez a respeito de sua atividade, as intervenções do pesquisador, as controvérsias profissionais geradas a partir das sequências de filme apresentadas, o diálogo do profissional com ele mesmo e com seu *métier*, etc.

A autoconfrontação cruzada oferece ao trabalhador uma segunda possibilidade de (re)pensar sua atividade, (re)dizer o que não foi dito durante a autoconfrontação simples e, além disso, ter sua atividade analisada, questionada e construída por um outro trabalhador. Esse novo olhar exotópico (o de seu par profissional) permitirá ao trabalhador perceber algo que talvez ele não tenha percebido sobre sua atividade durante a autoconfrontação simples, nem durante a autoconfrontação cruzada. Esse par profissional ocupa um lugar no mundo que não pode ser ocupado por mais ninguém e, portanto, por sua singularidade, sua experiência única, seus questionamentos, seu modo de agir, seu *savoir-faire*, etc., consegue ver, sintetizar e

<sup>11</sup> No original: “En position exotopique à l’égard de son travail et face à des choix ou des dilemmes qu’il redécouvre dans son activité, ce qui était opération incorporée et réponse automatique redevient question.”

<sup>12</sup> Segundo Faraco (2009), o enunciado para Bakhtin trata-se do ato efetivamente performado no mundo da vida, ou seja, o ato situado em um contexto cultural, axiológico e semântico.

objetivar a atividade daquele trabalhador.

Para ficar mais compreensível nossa discussão, apresentamos, a seguir, dois exemplos de autoconfrontação. O primeiro, uma autoconfrontação simples, foi retirado de uma pesquisa de mestrado (MAGALHÃES, 2014) e o segundo, uma autoconfrontação cruzada, do livro *Travail et pouvoir d'agir*<sup>13</sup> (CLOT, 2008).

No primeiro exemplo, o sujeito da pesquisa é uma professora experiente no ensino de francês língua estrangeira (FLE) e aqui identificada como P2. Sua atividade foi filmada durante uma aula que corresponde ao nível B1 do Quadro europeu comum de referência para as línguas.<sup>14</sup> Trazemos abaixo a citação de Magalhães (2014, p. 131) que explica a situação de aula filmada:

No vídeo da atividade inicial, P2 aparece em pé conversando em francês com os alunos sobre um tema específico daquela aula que era direcionada para uma conversação. Durante sua fala, a professora pronuncia um fonema a mais<sup>15</sup> que não existe na pronúncia correta da língua francesa entre os termos *les héros*<sup>16</sup> e, imediatamente, em sua própria fala, ela se corrige.

Após a seleção da sequência,<sup>17</sup> a pesquisadora, durante a autoconfrontação simples, mostra à professora a cena em questão. A professora, ao visualizar a imagem de sua atividade, pausa o vídeo e comenta:

P2: Aí teve a correção, a minha autocorreção na pronúncia né? 'Les [z] héros' ele tinha dito [o seu aluno], aí eu repeti, aí tentei me corrigir. Num sei nem se eles perceberam [os seus alunos]. Quando eu faço uma retrospectiva do meu trabalho eu percebo quan :: tos erros eu cometi ++. E percebo também quan ::: to eu ainda estou aprendendo. [...] Se compromete, na aula seguinte eu corrijo (MAGALHÃES, 2014, p. 132).

Compreendemos que o excedente de visão da professora, no tempo e no espaço, dá sentido à sua ação e ao seu trabalho. O olhar desse 'outro', que é o olhar dela mesma extrapositionada, dá o acabamento necessário do seu 'eu' profissional. Em posição exotópica, a professora considera que, mesmo sendo experiente no *métier*, ela ainda continua aprendendo sobre seu fazer docente.

Segundo Bakhtin (2011, p. 13, grifo do autor), o sujeito, para se compreender, "[...] deve tornar-se *outro* em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro [...]." A nosso ver, é o ponto de vista temporal e espacialmente distanciado em relação à sua experiência vivida que faz com que o profissional dê uma completude ao seu trabalho.

No segundo exemplo, um trecho de uma autoconfrontação cruzada, os sujeitos autoconfrontados são dois condutores de trem: um condutor experiente (identificado por G) e um condutor novato (identificado por J). O diálogo provocado diz respeito a uma frenagem sobre um determinado trilho ferroviário da periferia parisiense. O pesquisador, um médico do trabalho, apresenta aos dois trabalhadores as imagens

<sup>13</sup> Trabalho e poder de agir.

<sup>14</sup> O Quadro europeu comum de referência para as línguas se trata de um padrão internacional utilizado para descrever as habilidades de um aprendiz de uma língua estrangeira. O nível B1 corresponde a um nível intermediário de um falante-aprendiz de uma língua estrangeira.

<sup>15</sup> [z]

<sup>16</sup> A tradução é *os heróis*.

<sup>17</sup> Para entender como se deu essa seleção da sequência, conferir Magalhães (2014), capítulo 4.

que mostram o condutor experiente (G) durante a sua frenagem. Cabe ressaltar que a autoconfrontação cruzada, neste exemplo, trata da eventual brutalidade da desaceleração do trem. A preocupação era, portanto, com o conforto dos passageiros.

G – Quer dizer, eu estou a 120, eu posiciono já 100.

J – Sim.

G – Eu faço meu... minha desaceleração [...] à... no freio e, em seguida, eu abro o disjuntor.

J – Sim, sim. Eu estou vendo bem, mas... a frenagem não é... ? (aqui J faz a mímica de um gesto acentuado de balanceamento do corpo, efeito presumido da frenagem muito excessiva sobre os passageiros). O fato é que você freia com a VI [velocidade automática], você percebe, a VI é inferior à sua velocidade, frequentemente assim freia...

G – Não. Não, não, porque a tração está cortada.

J – Mesmo assim.

G – Não!

[...]

Médico do trabalho (à J) – Você já tentou?

J – Sim. [...] quando existe uma grande diferença entre a VI... o posicionamento da VI e a velocidade real na qual a gente viaja, é brutal.

[...]

G – Eu não acho.

[...]

68. J - [...]. Para mim, isso continua ainda brutal. Mas, é uma história a se ponderar

(CLOT, 2008, p. 232-234, grifo do autor).<sup>18</sup>

Extraposicionado em relação à sua atividade, G descreve, explica, justifica, defende e totaliza seu modo de agir. Ele dá o acabamento que entende como necessário à sua atividade e permanece fiel a seu ponto de vista.

J, que vive a mesma situação em sua atividade laborativa, percebe o modo de agir de G de forma diferente e realiza a mesma atividade de maneira diversa. J vê o que G não vê, sabe de algo que G não sabe (ou parece não saber) e, a partir de seu lugar, J tenta fazer intervir seu próprio olhar sobre a atividade de G.

Clot (2008, p. 243), ao fazer a análise do diálogo entre os dois condutores, considera que "a última palavra não é dita, mas o alívio está lá, emerso da resolução de uma tensão dentro da troca."<sup>19</sup> No nosso modo de entender, cada trabalhador, tanto o experiente (G) quanto o novato (J), ocupam uma posição única e singular no mundo, pertencem, portanto, a "zonas diferentes da existência"<sup>20</sup> (FRANÇOIS, 2005, p. 27)

<sup>18</sup> No original: "1. G – C'est-à-dire, je suis à 120, j'affiche déjà 100. 2. J – Oui. 3. G – Je fais mon... ma décélération [...] à... au frein, et après j'ouvre le disjoncteur. 4. J – Oui, oui. Je vois bien, mais... le freinage il est pas... ? (ici J mime un geste accentué de balancement du corps, effet présumé du freinage trop brutal sur les passagers). Du fait que tu freines avec la VI, tu vois, la VI est inférieure à ta vitesse, souvent ça freine... 5. G – Non. Non, non, puisque la traction est coupée. 6. J – Même. 7. G – Non ! [...] 29. Médecin du travail (à J) – Vous avez déjà essayé ? 30. J – Oui. [...] quand il y a une grande différence entre la VI..., l'affichage de la VI et la vitesse réelle à laquelle on roule, c'est brutal. 35. G – Moi je trouve pas. 68. J - [...]. Pour moi ça reste encore brutal. Mais c'est une histoire de jauger."

<sup>19</sup> No original: "Le dernier mot n'est pas dit, mais le soulagement est là, sorti de la résolution d'une tension dans l'échange."

<sup>20</sup> No original: "[...] zones de l'existence différentes."

e assumem a responsabilidade de seus posicionamentos: responsabilidade com ele próprio, com seu modo de agir, com seu par profissional, com seus passageiros, com seu *métier*, etc. Afinal, “ser responsivo e responsável são decorrências de minha extra-localização em relação ao Outro.” (GEGe, 2013, p. 46).

O excedente de visão que cada trabalhador tem de si ou que tem do outro é a sua possibilidade de responder e de assumir a responsabilidade de sua resposta.<sup>21</sup> O fim do diálogo entre os dois condutores não resolve o problema do conforto dos passageiros, apenas oculta, naquele espaço-tempo da autoconfrontação cruzada, diálogos potenciais, desencadeadores de novos (e futuros) questionamentos e de novas (e futuras) respostas.

Na seção seguinte, tratamos do excedente de visão do pesquisador que adota o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação e que também assume sua responsabilidade: de mediador das situações dialógicas (co)construídas no decorrer do processo e da análise que realiza ao final de sua investigação.

#### **4. O PESQUISADOR E SUA ATIVIDADE DE PESQUISA: UMA RESPONSABILIDADE ASSUMIDA PELO OLHAR EXOTÓPICO**

Acreditamos ser fundamental abrir aqui um espaço para trazer à luz o papel do pesquisador nas pesquisas com autoconfrontação, haja vista a sua importância durante todo o processo dialógico engendrado.

Para Bakhtin (2011, p. 23),

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.

Nesse sentido, para organizar e mediar os diálogos que se estabelecem durante o processo, entendemos que o pesquisador que adota o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação entra em empatia com o(s) sujeito(s) da pesquisa; em outras palavras, ele vê axiologicamente o mundo de dentro do olhar de cada sujeito, tal qual este(s) o vê(veem).

Todavia, não há uma fusão do pesquisador com esse(s) sujeito(s). No momento da interpretação dos diálogos de autoconfrontação, o pesquisador retorna ao seu lugar de origem e, a partir de sua posição distinta e ímpar no mundo, assimila e totaliza o que viu e vivenciou do horizonte concreto de cada sujeito.

---

<sup>21</sup> Referimo-nos, aqui, ao conceito de responsividade, segundo Bakhtin (2012). Para o teórico, o sujeito responde a algo ou a alguém; e ao responder, assume esse ato de responder, ou seja, ele se responsabiliza inteiramente por sua resposta e por seu pensamento. Nas palavras de Sobral (2010, p. 20), a responsividade é “(...) um responder responsável”.

Dizendo com outras palavras, em termos estéticos, cognitivos, éticos, sócio-históricos, culturais, ideológicos, etc., o pesquisador dá forma ao que viu e ao que sabe sobre o outro para constituir esse outro como um todo, conferindo-lhe, destarte, o acabamento necessário. Acabamento que “[...] só pode vir do exterior”, conforme Todorov (2011, p. XXVI). E para sustentar o que defendemos, não poderíamos deixar de citar o próprio Bakhtin (2011, p. 33):

Nesse sentido pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria [...].

Ao interpretar os diálogos de autoconfrontação, o pesquisador volta a si próprio e ao seu lugar fora do(s) sujeito(s) da pesquisa. É a partir dessa posição externa que o pesquisador o(s) compreende e o(s) objetiva, tomando para si a responsabilidade da resposta que dá o acabamento necessário ao(s) sujeito(s) pesquisado(s).

Para ilustrar o que postulamos nesta seção, tomamos como exemplo a seção 4.4 da pesquisa de Magalhães (2014)<sup>22</sup> que nos faz compreender a importância do papel assumido pelo pesquisador que opta pelo quadro teórico-metodológico da autoconfrontação para a realização de sua pesquisa. A cena da atividade da professora experiente no ensino de FLE é descrita da seguinte forma:

No vídeo, P2 [professora experiente 2] aparece em pé distribuindo para cada aluno o material preparado para aquela aula. A turma era de nível avançado e a aula versaria sobre uma atividade de conversação. [...] como a sala de aula era muito grande e havia muitas cadeiras, a sala encontrava-se disposta em dois círculos, um círculo englobando o outro. Os alunos, por algum motivo, optavam em sentar-se nas cadeiras do círculo mais externo e P2 tinha que alongar o braço para conseguir entregar nas mãos de cada aluno o material preparado para a aula (MAGALHÃES, 2014, p. 162).

A autoconfrontação simples que foi realizada com a professora P2, a partir dessa cena, abordava o uso do manual de FLE em sala de aula. Os comentários da professora sobre o uso do manual, assim como a imagem de sua atividade inicial, foram levados pela pesquisadora aos alunos-estagiários de uma disciplina de Estágio Supervisionado de Letras/Francês e à professora-formadora da referida disciplina. Abaixo, segue o diálogo instaurado entre os interlocutores:

155 A2: Bem catedrática ela né? Há uma distância, há uma muralha entre ela e os alunos (*risos*). Porque esse monte de carteira entre ela e os alunos [*faz movimentos com as mãos como se mostrasse um quadrado*], parece um cercadinho né?

156 A1: Realmente (?). [...].

157 P: Ainda é o manual, né?

<sup>22</sup> Por ter sido uma pesquisa que promoveu uma interação muito particular entre imagens de duas professoras experientes de FLE em autoconfrontação simples, alunos-estagiários de Letras/Francês, professora-formadora da disciplina do curso e pesquisadora, recomendamos a leitura de todo o capítulo 4 para maiores detalhes.

158 A2: Não, assim, eu esqueci até o manual (*risos*).

159 P: É uma visão né, diferente daquela de P1 sobre o manual [...].<sup>23</sup>

Ao término da pesquisa, ou seja, distanciada no tempo e no espaço concreto do diálogo, Magalhães (2014, p. 163), ao ver, em posição exotópica,<sup>24</sup> sua atividade como pesquisadora, pondera:

Como visto no recorte discursivo acima, a experiência de A2 com o vídeo de P2 em ACS [autoconfrontação simples] não foi consensual. A2 abriu espaço para um conflito que não era voltado para desenvolver o comentário de P2 sobre o manual de FLE, mas um conflito que versava sobre um outro tema, suscitado pela visualização do vídeo da atividade inicial de P2, ou seja, o posicionamento das cadeiras. [...] Porém, como se vê na sequência do diálogo, a pesquisadora não privilegiou o projeto discursivo de A2. Por duas vezes, em (157 P) e (159 P), ela retoma o tema do manual de FLE, contrariando o tema apreendido por A2 durante a visualização da atividade inicial de P2. “O laço com a situação primária” (FAÏTA, 2007, p. 13) foi desfeito e a oportunidade de fazer avançar um tema que era representativo para A2 não foi aproveitada.

Cabe, portanto, aqui uma reflexão sobre o excedente de visão da pesquisadora no momento da interpretação dos diálogos de autoconfrontação. Por já ser um outro em relação a si mesma, sua posição exterior lhe dá o privilégio de se ver como um todo (TODOROV, 2011). Sua posição exotópica autoriza-a a dar uma resposta totalizante e responsável ao que enxerga de si mesma. Responsável, no caso da pesquisa em questão, porque Magalhães (2014) reconhece que interrompeu o que poderia ter sido uma rica interação naquele contexto de formação inicial sobre a organização do espaço de trabalho do professor.

Como observamos, na citação acima, Magalhães (2014) percebe e assume sua atitude obstinada em suspender o projeto discursivo do aluno-estagiário, deixando passar a oportunidade de fazer avançar uma discussão que poderia ter sido relevante naquele contexto.

É, pois, fundamental enfatizar que a pesquisa, assim como a criação estética, também supõe a exotopia: seja a do(s) sujeito(s) pesquisado(s), seja a do próprio pesquisador. Para Amorim (2004, p. 293), “[...] o ato criador, estético ou epistêmico é uma série aberta de inacabamentos e totalizações.” Em suas considerações sobre a situação vivenciada, Magalhães (2014, p. 164) reconhece que:

[...] no estudo em questão, a atividade da pesquisadora envolvida no processo de autoconfrontação com os demais sujeitos também está passível de transformação ao olhar *a posteriori* sua atividade “de um ponto de vista extraposto” (MACHADO, 2005, p. 131). [...] doravante [a pesquisadora] estará mais atenta com a questão da gestão da atividade discursiva, tanto a sua própria quanto a do(s) sujeito(s) em situação de confrontação.

Percebemos, assim, que o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação, por meio das imagens gravadas, proporciona aos pesquisadores e ao(s) sujeito(s)

<sup>23</sup> A respeito das siglas que identificam os interlocutores: A1 é o aluno-estagiário 1, A2 é o aluno-estagiário 2, P é a pesquisadora, P1 é a professora experiente 1 e P2 é a professora experiente 2.

<sup>24</sup> Esclarecemos que esse momento da pesquisa também foi gravado em vídeo. Nesse caso, a pesquisadora observou sua própria atividade com os sujeitos pesquisados através das imagens filmadas.

pesquisado(s) a possibilidade de se distanciarem de sua(s) atividade(s); e, por conseguinte, conferirem a si mesmos uma completude.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este breve trabalho, tentamos, a partir de exemplos retirados das pesquisas de Magalhães (2014) e Clot (2008), mostrar como o conceito bakhtiniano de exotopia está imbricado com o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação. Convém, entretanto, dizer que o que aqui apresentamos não se trata de uma reflexão precursora, tendo em vista que é de conhecimento dos pesquisadores das áreas da Ergonomia da Atividade e da Clínica da Atividade que o processo dialógico da autoconfrontação está fortemente alicerçado na filosofia bakhtiniana da linguagem e, por conseguinte, em seus conceitos.

Nosso propósito foi, aqui, expor, a partir de exemplos de situações concretas de trabalho e pesquisa, como esse conceito se encontra manifesto nas várias fases que compõem o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação.

Acreditamos que a explanação que realizamos, amalgamando o conceito de exotopia a exemplos reais vivenciados por trabalhadores em seu meio profissional, poderia contribuir para a compreensão da importância de Bakhtin e da filosofia da linguagem dentro das pesquisas e/ou intervenções realizadas pela Ergonomia da Atividade e pela Clínica da Atividade.

Vale ainda esclarecer que, apesar de considerarmos a fase do retorno ao coletivo profissional também como um momento exotópico dos pares em relação aos trabalhadores protagonistas da autoconfrontação simples e da autoconfrontação cruzada, não trouxemos nenhum exemplo de pesquisa que tratasse dessa fase por uma questão de opção pessoal. Entretanto, além de priorizar as fases da autoconfrontação simples e da autoconfrontação cruzada, incluímos, ainda, um estudo sobre a atividade de análise do pesquisador.

Compreendemos, portanto, que o excedente de visão só é possível nessas pesquisas e/ou intervenções porque a autoconfrontação viabiliza o deslocamento do pesquisador e do(s) sujeito(s) pesquisado(s) para um espaço e um tempo distintos. Um espaço e um tempo (cronotopo) que não correspondem aos mesmos de sua(s) atividade(s) inicial(ais). E a imagem filmada da atividade inicial de cada sujeito favorece esse excedente de visão.

É, então, no decorrer da atividade linguageira sobre a atividade inicial que o(s) sujeito(s) se olha(m) como outro(s). Seu olhar, em relação a si próprio(s), não é mais o mesmo, porque seus valores não são mais os mesmos. O olhar de fora – no tempo, no espaço e nos valores – consegue enxergar algo a mais, um *surplus* que o(s) sujeito(s) não seria(m) capaz(es) de enxergar se não se encontrasse(m) em posição exotópica.

Segundo Bakhtin (2011, p. 14), “[...] a última palavra caberia à nossa própria consciência e não à consciência do outro, mas nossa consciência nunca dirá a si mesma a palavra concludente.” Ou seja, fundamentalmente, somos todos incompletos.

Nesse sentido, sem o olhar do outro que nos completa – lembramos que esse outro pode ser nós mesmos – e sem o nosso olhar que completa o outro, não haveria a possibilidade da resposta do outro a nós e da nossa resposta ao outro. Somos seres díspares em todos os âmbitos da existência e, portanto, sem o outro estaríamos condenados a uma incompletude aterradora.

Em suma, a nosso ver, o quadro teórico-metodológico da autoconfrontação dá a possibilidade ao(s) sujeito(s) de revelar(em) a si próprio(s) – e aos pares – as ausências que sua(s) individualidade(s) não consegue(m) auferir sozinha(s).

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 95-114.

\_\_\_\_\_. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

\_\_\_\_\_. **Travail et pouvoir d'agir**. Paris : Presses Universitaires de France – PUF, 2008.

\_\_\_\_\_; FAÏTA, Daniel. Genres et styles en analyse du travail: Concepts et méthodes. **Travailler: Revue Internationale de Psychopathologie et de Psychodynamique du Travail**; nº4, 2000. p. 7-42.

FAÏTA, Daniel. L'image animée comme artefact dans le cadre méthodologique d'une analyse clinique de l'activité. **Activités – Revue électronique**, v. 4, nº 2, 2007. p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Mondes du travail et pratiques langagières. In: **Langages**. Parole(s) ouvrière(s). 24e année, nº 93. 1989. p. 110-123.

\_\_\_\_\_; MAGGI, Bruno. **Un débat en analyse du travail – Deux méthodes en synergie dans l'étude d'une situation d'enseignement**. Toulouse, France: Octarès Editions, 2007.

\_\_\_\_\_; VIEIRA, Marcos. Reflexões metodológicas sur l'autoconfrontation croisée. **Skholê**, hors-série 1, 2003, p. 57-68.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FÉLIX, Christine; SAUJAT, Frédéric. Le développement de l'activité d'une enseignante débutante : les effets du processus d'autoconfrontation dans l'élaboration de ressources opératoires. Colloque restreint organisé par l'équipe ERGAPE – **Formation, apprentissages et développement professionnels des enseignants** : outils et méthodes de l'alternance. Marseille, France, 2007. p. 1-13.

FRANÇOIS, Frédéric. **Interprétation et dialogue chez des enfants et quelques autres**. Recueil d'articles, 1988-1995. Lyon: ENS Éditions, 2005.

GEGe (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso). **Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

GONÇALVES, Laryssa Érika Queiroz. **Quem vê capa não vê coração**: um olhar bakhtiniano sobre a construção de sentidos da imagem dos evangélicos em capas da revista Veja. 2015. Dissertação. (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

MACHADO, Irene. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 131-148.

MAGALHÃES, Elisandra Maria. **Autoconfrontação Simples (ACS)**: um instrumento a serviço da formação profissional de futuros professores de francês como língua estrangeira (FLE). 2014. Dissertação. (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

MAGALHÃES JÚNIOR, Caibar Pereira. **O conceito de exotopia em Bakhtin**: uma análise de *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. 2010. Dissertação. (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PONZIO, Augusto. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. Tradução de Valdemir Miotello, Hélio M. Pajeú, Carlos A. Turati e Daniela M. Mondardo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 11-36.

TEZZA, Cristovão. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 209-217.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. XIII-XXXII.

\_\_\_\_\_. **Mikhaïl Bakhtine**: le principe dialogique. Paris, Seuil, 1981.

**Data da submissão:** 10/05/2017

**Data da aprovação:** 29/05/2017